



Dois Lugares

Texto para display online de Guilherme Callegari
Galeria Verve, 2020

Andrey Koens

www.koens.com.br
andreykoens@gmail.com

Dois Lugares

Os trabalhos em papel de Guilherme Callegari começam a conversa dizendo o que não são: nem pinturas, nem desenhos; nem figuração, nem abstração. Os materiais secos e oleosos em bastão e as canetas que o artista utiliza para compor suas formas sobrepostas constróem uma espécie de dialeto, sem conferir precisão às figuras nem constituir um statement abstrato.



Guilherme Callegari
Dois Lugares, 2020

caneta hidrográfica, giz oleoso, lápis de cor,
caneta esferográfica e grafite sobre papel
59 x 42 cm

Ao passar por uma miríade de referências que variam amplamente entre o design gráfico, o imaginário coletivo da publicidade outdoor e cultura automobilística, ou ainda entre a pintura de paisagem e o grid gráfico, o artista se encontra em uma constante dialética de influências variadas, que se entrecruzam em suas diferentes obras. A escolha, combinação e reconfiguração dos elementos é o arcabouço da oeuvre de Callegari, aludindo a um tipo de teatro ou poesia concretista, onde “o que importa é abandonar a mastigação do novo, novo, novo” e, em vez disso “roer o osso dos motivos, deixar que se repitam, que ritmos se criem”, conforme nos ensina Öyvind Fahlström¹.

1. FAHLSTRÖM, Ö. Manifesto para a poesia concreta, original de 1952—55, tradução editora Cobogó, 2016.

A abordagem concreta fica mais evidente na titulação dos trabalhos, com nomes confusos que subvertem a visualidade das próprias pinturas, como um convite a outras descobertas: a primeira no olhar; a segunda no nome, que varia entre os que representam ideias poéticas que não estão na obra, *shifters* - seres linguísticos que não possuem um sentido - ou mesmo derivações do processo de *naming*², prática do marketing dedicada à criação de nomes para identidades empresariais.



Guilherme Callegari
2586/arrows/Symbols, 2020

grafite e caneta esferográfica sobre papel
65 x 60 cm

O balé dos logotipos deliberadamente rabiscados reforça a máxima de Don Norman³: “o bom design é mais difícil de perceber do que um design mal feito”. No contexto do design gráfico para grandes empresas no período que precede a sua digitalização, essa invisibilidade do bom design poderia ser pensada através do desenho. Ali, o maior feito profissional seria a perfeição da limpeza sublime, que faria surgir o valor transcendental da Marca, a ausência de individualidade.

2. RODRIGUES, D. Naming: o nome da marca, editora 2AB, 2011.

3. NORMAN, D. A. O design do dia-a-dia, original de 1988, tradução editora Rocco, 2006.



na página anterior

Guilherme Callegari
Eletrônico, 2020

giz oleoso, caneta esferográfica, caneta hidrográfica e
lápiz de cor sobre papel 300g
30 x 21 cm

Essa ausência do criador é a chave do sucesso de campanhas históricas da Volkswagen, Shell, Cadillac e outras, pois seus materiais gráficos não representam nem o designer que os produziu, nem o público alvo, mas sim a persona da qual quem compra o carro supostamente se aproximaria. Daí as máscaras de pintura, grids, retículas, o Letraset; uma espécie de “guias de impessoalidade”.

Em função disto a digitalização do design tratou sobretudo do modo de produção da imagem, e criou novas ferramentas que passaram a impedir a aparição de traços manuais, a sujeira e os acidentes do desenho. Guilherme, cuja educação em design data da pós digitalização, reflete sobre passado e presente em sua obra, como em Eletrônico (2020), um diálogo que alude aos limiares da expressão no tecido digital e o próprio existir do profissional do design.

Essas reflexões acontecem na transposição entre os dois lugares distintos de sua prática: a produção da imagem gráfica digital e sua reprodução física na pintura a partir do aparato técnico. Apoiado por uma bibliografia e repertório de artistas que trabalham os meios da tecnologia gráfica na mídia pictórica, expande a proporção de referências como as retículas até o ponto do esgarçamento, ato visível no arco Transfer, 15han e KIA, de 2020; ou no seu uso repetido de logotipos, que se inclina cada vez mais ao Letrismo.

A desconstrução na expressão de Callegari parece ser uma reivindicação da personalidade a partir de seu arquipélago de vivências exteriores, que reinventa a prática do design e também do eixo pintura-tecnologia; contextos cujas teorias passam obrigatoriamente pela literatura e sensibilidade estrangeiras. Ao reforçar a capacidade do discurso estético contemporâneo em promover diálogos poéticos por meio de dicotomias que mapeiem, sem querer, os gradientes que existem *entre locais*, sua obra nos convida a pensar sobre uma realidade pessoal, nacional.

Andrey Koens



Guilherme Callegari
Transfer, 2020

grafite, carvão, giz oleoso, lápis de cor,
caneta esferográfica, caneta hidrográfica
e marcador sobre papel
110 x 75 cm

na próxima página

Guilherme Callegari
KIA, 2020

giz oleoso, lápis de cor, grafite
e caneta hidrográfica sobre papel 300g
30 x 21 cm

